

Agricultura argentina

Mudanças recentes

Bivanilda Almeida Tapias*

NOS ÚLTIMOS 15 anos, a área plantada na Argentina aumentou de 15 para 30 milhões de hectares, gerando mudanças no uso da terra em várias regiões do país. Ao contrário do que aconteceu com a expansão da agricultura mecanizada em outros países, e na própria Argentina no início do século XX, os possíveis efeitos negativos de um processo dessa magnitude sobre o meio ambiente foram atenuados pela introdução de novos conceitos e tecnologias agrícolas inovadoras, incluindo o plantio direto, o aumento da utilização de herbicidas e fertilizantes, rotação de cultura e novos critérios de planejamento agrícola.

A adoção de variedades geneticamente modificadas e de novos processos tecnológicos também cresceu a taxas surpreendentes nos últimos anos. As principais características do modelo de produção agrícola dominante na Argentina se caracterizam por forte crescimento, entre outros:

- I da cultura da soja, motor de impressionantes transformações, principalmente a geneticamente modificada, atingindo mais de 80% da área cultivada;
- II do uso de fertilizantes, que quase quadruplicou no período de mudança;
- III do uso do herbicida glifosato para o controle de plantas daninhas em áreas com e sem cultivos; e
- IV da incorporação de tecnologias organizacionais e conhecimento na criação de uma empresa agrícola.

A economia cresceu, mas o consumo de alimentos aumentou mais que a produção. As exportações, em sua maioria, foram desestimuladas para evitar o desabastecimento. Em 2008, o governo Kirchner editou decreto que elevou o valor dos impostos cobrados na exportação, as chamadas retenções que começaram a ser aplicadas no país em 1967. Nos anos 90, foram suspensas, mas voltaram em 2002,



SXC.HU

no governo de Eduardo Duhalde. Foram impostas medidas drásticas, provocando a fúria dos produtores rurais. Hoje, as retenções sobre as exportações de grãos, óleos e farelos representam mais de 13% da arrecadação fiscal.

Em mais um esforço de realinhamento e retomada dos investimentos no campo, o governo lançou, em 2010, o Plano Estratégico Agroalimentar e Agroindustrial Participativo e Federal (PEA 2010 - 2016), que tem como objetivos fazer um diagnóstico geral da agricultura do país, priorizando setores considerados estratégicos, e aumentar a produção de grãos para 150 milhões de toneladas até 2016. A atual safra está estimada em 100 milhões de toneladas, das quais 44 milhões correspondem a cereais, 53 milhões a oleaginosas e cerca de 3 milhões a outros cultivos.

Embora a produção de milho e trigo seja expressiva no país, a soja continua sendo o principal produto da safra 2010-2011, com 84% da superfície implantados na região sul de Santa Fé e uma produção estimada em 52 milhões de toneladas, distribuídas em 18,8 milhões de ha. Os gastos de produção desta safra de grãos estão em torno de 25 milhões de dólares, em que as principais despesas se referem ao arrendamento de terras e à comercialização.

Ressalvas feitas às peculiaridades locais e à posição de destaque deste país como

importante produtor e exportador de alimentos, podem-se observar boas oportunidades de acesso ao mercado argentino, especialmente para frutas, verduras e hortaliças. Nos primeiros três meses de 2011, o Brasil ocupou a 3ª posição nas importações argentinas de banana e ainda explora um mercado muito promissor para manga, coco, mamão, entre outros. Para produtos como a carne de aves, observa-se que as oportunidades são sazonais, concentradas no último trimestre do ano. Em relação a hortaliças e verduras, nos primeiros meses de 2011, o principal produto exportado pelo Brasil à Argentina foi a cenoura, enquanto em 2010 o destaque foi para a abóbora e o tomate com 560 e 927 toneladas, respectivamente.

Entretanto, cabe um alerta quanto ao deslocamento das exportações brasileiras em face do crescimento das exportações chinesas. A China, que até 2008 concentrava suas exportações para a Argentina em produtos industrializados, como eletrodomésticos, a partir de 2009 ampliou sua pauta com consideráveis avanços em produtos agrícolas. Em 2010, com os problemas nas relações comerciais entre os dois países, as exportações chinesas à Argentina se concentraram nos cogumelos (350 toneladas). Mas nos primeiros meses de 2011, os chineses já exportaram 2 toneladas de abóbora e 25 de pimentão, mercado que em 2010 foi dominado pelo Brasil.

Em relação a produtos de origem animal, como a carne de porco, a China, em 2010, ocupou a 8ª posição nas importações argentinas e no período de janeiro a março de 2011 já é a 7ª. Adiciona-se a isso o fato de que é cada vez maior o número de empresas chinesas que arrendam terras na Argentina para atividades rurais. ■

Este artigo reflete a opinião do autor e não das instituições que representa.

*Adida Agrícola da Embaixada Brasileira em Buenos Aires